

ESCADA FLUTUANTE DE ALCYR MEIRA

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes ¹

Resumo: Este artigo tem como proposta realizar uma análise da escada escultural da residência do arquiteto Alcyr Meira. Residência projetada e construída na década de 1960, a arquitetura moderna, traz como filosofia norteadora sua integração com as outras artes e a relação interior-exterior. As fotografias serão tomadas como imagem/documento e como imagem/monumento.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna. Escada. Escultura. Monumento. Documento.

FLOATING STAIRCASE OF ALCYR MEIRA

Abstract: This article aims to perform an analysis of the cultural staircase of the residence of the architect Alcyr Meira. A residence designed and built in the 1960s, modern architecture brings as a philosophy its integration with the other arts and the interior-exterior relationship. The photographs will be taken as an image/document and as an image/monument.

Keywords: Modern Architecture. Ladder. Sculpture. Monument. Document.

ESCALERA FLOTANTE DE ALCYR MEIRA

Resumen: Este artículo tiene como objetivo realizar un análisis de la escalera cultural de la residencia del arquitecto Alcyr Meira. Una residencia diseñada y construida en la década de 1960, la arquitectura moderna trae como filosofía su integración con las otras artes y la relación interior-exterior. Las fotografías se tomarán como imagen/documento y como imagen/monumento.

Palabras-clave: Arquitectura moderna. Escalera. Escultura. Monumento. Documento.

¹ Pós-Doutoranda da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Doutora em História Social da Amazônia (UFPA). Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (UNAMA). Graduação em Arquitetura e urbanismo (UNAMA). Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura - PPGCLC/UNAMA. Membro colaborador CIAUD na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Membro do ICOMOS BRASIL. Membro do DOCOMOMO BRASIL. Membro do NAMA - Núcleo Arquitetura Moderna na Amazônia. Líder dos seguintes Grupos de Pesquisas certificados pelo CNPq: 1º: A Casa Senhorial como Patrimônio Cultural, na investigação de casas senhoriais em Belém - sec. XVII a XX; 2º: A casa: arquitetura e formas de morar, na investigação de arquiteturas e formas de morar moderno e contemporâneo.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8345-3528>
E-mail: marcianunes2011@gmail.com

1 PREFACIANDO A ESCADA DO ITAMARATY

- Os três degraus retos fazem toda diferença! Eles realmente constroem o voo desta escada como estava te contando antes, contido na expressão fight of steps em inglês. Vou insistir: todo arquiteto deveria saber deste detalhe.
- Você só aprende copiando o mestre, já dizia um outro mestre. Este detalhe é como o do tapete azul que havíamos deixado para depois, no final da entrevista. O tapete azul é uma espécie de arquitrave desta escada. Ali, Niemeyer se superou. O tapete segue o rumo da viga sob a escada, pois esconde de forma teatral a viga; esconde assim a estrutura, intensificando o fato da magnitude desta escada estar em pleno voo, suspensa no ar. Em um gesto, um traço, uma imagem: a síntese de toda a pesquisa estética (ENTRE VISTAS, 2018).

Figura 1: Escada do Palácio do Itamaraty



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/itamaraty>

Para Aldo Urbinati a nossa arquitetura moderna é neoclássica. Para vários autores, o Moderno começa na Renascença, Tafuri mesmo acreditava nisso. “Daí a relevância do trabalho de Warburg sobre o Renascimento e sobre o renascimento das imagens. É dentro deste espectro do discurso que está inscrita nossa citação da imagem da escadaria do Itamaraty” (URBINATI, 2018, p. 54). Jacques Derrida diz que quando a coisa aparece pela primeira vez, já é a segunda aparição, portanto estamos falando de uma citação de uma imagem. A citação da escada-espiral-monumental do Itamaraty é mais diretamente uma citação da imagem da escada “original”. Toda citação é, como diz sua etimologia, uma convocação (da imagem) daquele objeto citado, ou parte dele. Esta convocação, esta aparição (ou reaparição), é uma intersecção. O historiador Jacques Le Goff diz que “a ideia de memória é uma intersecção”, assim, memória e monumento e intersecções.

2 O VESTÍBULO: O AMBIENTE DOMÉSTICO NO CENÁRIO SOCIAL NO SÉC. XIX

Fazendo um breve retrospecto na história sobre o ambiente doméstico, Marize Malta, em sua obra O Olhar Decorativo (2011, p. 15), menciona que o mundo doméstico compreende o principal ambiente onde homens e mulheres vivem, de modo privilegiado, suas vidas privadas e depositam suas coisas mais caras e benquistas. A casa consagrou-se, no séc. XIX, como espaço da aparência, assumindo identidade de lugar de uso e de imagem, e mesclando características de espaços públicos e privados conforme a localização de visitantes e familiares na sua organização espacial.

Trabalhar interiores residenciais é lidar com o conceito de doméstico, o qual lida com as relações entre imagem e espaço, pois o senso da domesticidade “[...] emerge como duplo interior, um interior que é conscientemente entendido tanto como imagem quanto como condição espacial (MALTA, 2011, p. 24). A palavra só passou a designar a parte interna de uma edificação ou de uma sala em inícios do século XIX.

A casa dos últimos decênios do séc. XIX, comparada a seus antepassados, passara do precário ao extraordinário. Os objetos deveriam dar na vista, mostrarem-se destacadamente, por mais que houvesse uma grande quantidade deles. Era no vestíbulo, o espaço da entrada que deveria sugerir a qualidade de toda a decoração da casa (sem querer competir com os salões) e ser uma espécie de preparação para o que os olhos veriam ao adentrarem pelos espaços da casa: “como essa é a primeira parte da casa que saúda os olhos do visitante, ela deveria ser alegre e viva” (MALTA, 2011, p. 72).

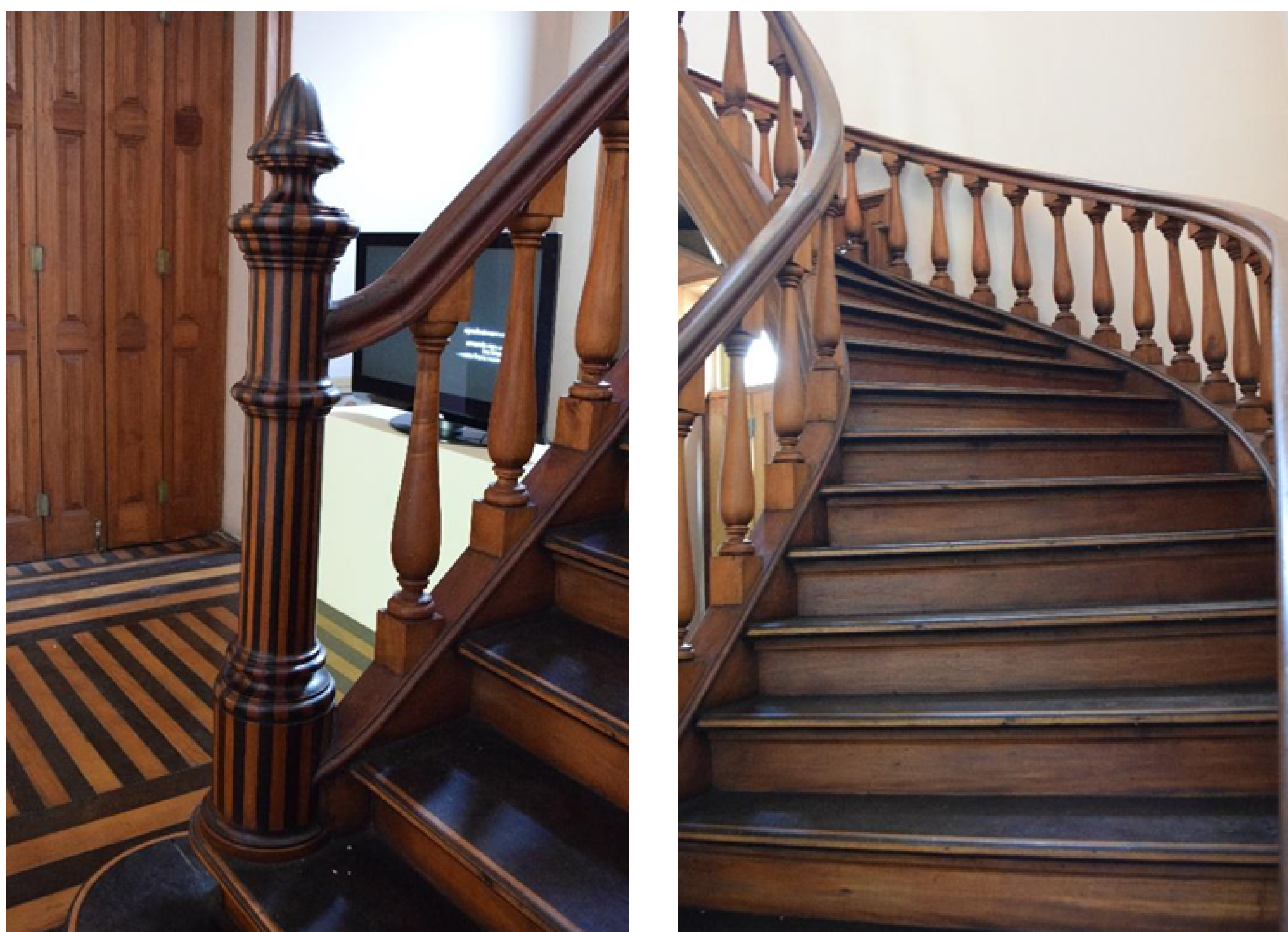
Marize Malta (2011, p. 72) comenta que Alfredo Melani (1904), na sua obra *L'Art in famiglia: guida artistica per l'arrendamento di una casa*, aconselhava que o vestíbulo fosse um local de espera ornado com elegância e jamais empregar um estilo que levasse ao tédio.

O ambiente de entrada ou antecâmara deveria dar exemplo da generosidade dos donos da casa, mostrando que eles reconheciam que a espera era sempre um tormento, porém, se o convidado aguardasse cercado de beleza, os minutos não pareceriam eternos. A decoração deveria distrair os olhos. Para Vera Cleser (1898), em seu livro *O lar doméstico: conselhos práticos sobre a boa direcção de uma casa*, a sala de entrada dispunha de vários móveis e utensílios: capacho, aparelho para limpar os pés, porta-chapéus, cadeiras, mesa com tinteiro, porta-canetas, cachepot de plantas e painéis nas paredes.

De uma forma geral, no vestíbulo, além dos móveis e objetos citados, um elemento de importante função era a escada. Geralmente a escada tinha sua estrutura feita em ferro – corpo, degraus e guarda corpo ou em concreto, revestida com mármore importado ou ainda, em madeira em duas tonalidades de cores marchetadas, protegida por um belo guarda-corpo ora feito em ferro trabalhado com desenhos em *art-nouveau* ou ora um guarda corpo balaustrado de madeira. A forma adotada como partido sempre muito orgânica atendendo ao estilo da decoração do ambiente.

Neste cenário, a escada teria uma importante característica: no espaço privado, servia de um local de espera para atender fornecedores, credores ou convidados, e para os moradores, uma livre circulação vertical levando-os aos demais pavimentos da moradia. Em casas maiores, passava-se do vestíbulo para antessala, chamado de *salle d'attente* ou *parloir*. Era um ambiente neutro e não considerado como a casa propriamente dita.

Figura 2: Escada do Palacete Augusto Montenegro



Fonte: Acervo da autora

Por meio das fotografias, podemos evidenciar as posses domésticas, a organização dos móveis nos espaços, os materiais utilizados e as expectativas de seus moradores. As fotografias serão tomadas como imagem/documento e como imagem/monumento, podendo informar tanto os aspectos materiais quanto revelar o que a sociedade do período estudado desejava perenizar de si mesma no futuro (LE GOFF, 1984, p. 95-106). Para analisar esse duplo aspecto, deve-se observar que tipo de sociedade produziu essas fotografias, levar em consideração outras fontes (textuais e não textuais) e conhecer o circuito social da fotografia.

3 ALCYR MEIRA E SUA “MÁQUINA DE MORAR”: A CASA E SEUS SETORES NO SÉC. XX

Alcyr Meira Boris de Souza Meira, nascido em 1934, desde sua infância no Colégio Moderno já tinha suas habilidades voltadas ao desenho. Formou-se em 1956 como Engenheiro Civil, onde naquela época essa profissão abarcava além de projeto civil a elaboração de projetos de cálculos estruturais, elétrica e hidrossanitária, e, posteriormente, realiza seu sonho em formar-se como Arquiteto pela recém criada Universidade Federal do Pará em 1966. Cabe aqui registrar que Alcyr Meira fez parte da primeira turma de Arquitetos no Pará quando foi criado no ano de 1963 o Curso de Adaptação Profissional, destinado aos engenheiros, realizada no período noturno. A partir de 1967 integra o corpo docente da Universidade Federal do Pará ministrando aulas no Curso de Arquitetura nas disciplinas de Teoria da Arquitetura e Arquitetura Brasileira.

A Casa Moderna passou a ter sua escala vinculada ao homem, através do “Modulor”, criação genial de Charles – Edouard Jeanneret, consagrado arquiteto que sob a orientação de “Le Corbusier, criou as bases da Arquitetura Racionalista, que tinha como dogma a “Máquina de Morar²”, pois considerava cada casa um caso, que só seria equacionado se viesse a atender as necessidades intrínsecas de seus ocupantes. Essa nova tendência arquitetônica, inovadora não somente na maneira de pensar, mas também de fazer arquitetura, tinha também como filosofia norteadora a sua integração com as outras artes: pintura, escultura, mobiliária e principalmente o paisagismo, através do qual se processava o inter-relacionamento arquitetura/meio circundante, integrando-se a edificação aos valores intrínsecos da natureza – o movimento da técnica repõe o olhar da natureza (MEIRA, 2018 p. 21).

Em 1967 dava-se início a construção da residência do arquiteto Alcyr Meira, que adotou as recomendações por meio de uma lista sumária de procedimentos a serem invariavelmente adotados para a execução de um projeto, na certeza de que estaria criando um espaço que atenderia as necessidades da família, sob a égide dos fundamentos da arquitetura, integrando-se harmoniosamente ao patrimônio arquitetônico e, parcialmente, a cultural de Belém. A seguir, são apresentados os três conceitos da metodologia de concepção e desenvolvimento pelo arquiteto nos seus projetos, (MEIRA, p. 3, 2021) descrevendo sua percepção:

Apoiado no **conceito – 1- O QUE FAZER – definição do objeto do projeto** - iniciou a pesquisa das conveniências e anseios da minha família, seus desejos intrínsecos, suas aspirações e até mesmo seus temores e inquietudes e suas necessidades futuras. A análise e estudo desse briefing levaram o arquiteto a considerar os elementos de composição do Programa de Necessidades do projeto, indubitavelmente o mais importante tópico a ser observado nessa etapa; o **conceito 2- ONDE FAZER – definição do local onde será o projeto** - está diretamente vinculado à análise do local onde o empreendimento será implantado, ou seja, do terreno disponível para a sua efetivação. O terreno integrava um loteamento denominado Jardim São Luís (condomínio residencial projetado por Alcyr Meira), localizado na Avenida Nazaré, entre as ruas Dr. Moraes e Benjamim Constant, pertencente à Empresa de Cinema São Luís Ltda. No **conceito 3- COMO FAZER – definição do sistema conceutivo** - efetivamente é a mais importante regra, pois nela se consolidou a definição do sistema de planejamento, suas normas e diretrizes básicas, parâmetros e vetores, instrumentos de intervenção que permitiram estabelecer o Escopo do Projeto.

² Refere-se a ideia de “máquina de morar” de Le Corbusier. Ele “pensava que a casa deveria ser bonita e confortável, mas também lógica funcional e eficiente (uma ‘máquina de morar’), perfeitamente apta para atender às necessidades dos ocupantes”. O grande exemplo dessas unidades de habitação é um edifício em Marselha, concluído em 1952. A frase de Le Corbusier tem um sentido estético da contemplação do espaço, pois a partir da estética o conceito de belo é algo sublime em relação ao contemplar, todavia vai mais além desse ponto, pois a arquitetura terá sentido a partir da funcionalidade do espaço.

Como dito anteriormente, o “Fazer” na arquitetura moderna, tinha como filosofia norteadora sua integração com as outras artes e a relação interior-exterior. Da aplicação desses vetores resultou uma morada mais humanizada, que atendeu aos padrões familiares de seus ocupantes, oferecendo uma melhor interação ao seu modo de viver, concebida e construída para o uso e deleite dessa família. A casa foi construída para o casal, seus 2 filhos, sendo um homem e uma mulher, e a sogra do projetista, totalizando quatro suítes.

Figura 3: Fachada da Casa Alcyrr Meira



Fonte: Acervo da autora

O ponto de partida foi o estabelecimento das regras do arquiteto, que possibilitaram o zoneamento e setorização do espaço arquitetônico. Os setores trabalhados na residência do arquiteto foram assim distribuídos: setor social, setor íntimo e setor de serviços. A presença da natureza – paisagismo, percorre todo o projeto, integrando o interior ao exterior. Os acessos social e de serviço da casa se dão pela Av. Nazaré integrados aos jardins e a garagem pela Alameda São Luis, entrada do condomínio.

A- SETOR SOCIAL: No pavimento térreo - nível da calçada - dá-se a entrada social da residência pela Av. Nazaré. Elevado a altura de 2.38m (caminho composto de 14 degraus confortáveis), no pavimento térreo integram-se os seguintes espaços e ambientes: jardim elevado, terraço anterior coberto, hall de entrada, sala de estar/ escada, sala de jantar, estar íntimo, terraço posterior coberto, jardim interno com entrada para a sala de TV e acesso por uma escada caracol para o escritório/atelier, no 1º pavimento. Cabe observar que os ambientes: sala de estar/escada, sala de jantar e terraço posterior compunham um espaço único, sem divisões físicas salvo o layout dos respectivos móveis. Esses espaços, agregados ao jardim elevado, terraço anterior, hall, lavabo e jardim posterior seriam usados conjuntamente em eventos sociais de grande porte, tratando assim, de uma residência que valoriza o convívio social e as atividades de lazer. Esses espaços possuem as portas de entrada compostas de folhas de vidro de correr interagindo com exterior. Observa-se que não há na área social o corredor comprido levando aos ambientes; imprime o novo conceito de ambientes interligados nessa nova tipologia arquitetônica. O projeto revela fluidez e integração entre os setores da casa, em que há redução de zonas de transição e circulação.

B- SETOR DE SERVIÇO: No pavimento térreo, no nível da calçada pela Av. Nazaré, tem-se a entrada de serviço. O setor de serviço é completamente isolado dos demais setores – social e íntimo, apenas com acesso direto ao setor social, através da sala de almoço e café, ligada direto a sala de jantar. No acesso de serviço prevalece a descarga de compras, facilitada pelo posicionamento do ambiente. No pavimento térreo têm-se os seguintes ambientes: o hall da entrada de serviço com

acesso a escada para o segundo pavimento, cozinha, sala de almoço e café, lavanderia e garagem. A cozinha é um espaço conjugado com a sala de almoço e café delimitada por armários separando os ambientes. Cozinha com balcão corrido e duas cubas no balcão. Tanto na cozinha como na sala de almoço e café tinha-se uma geladeira para cada ambiente. Percebe-se a preocupação com a segurança da residência na presença de portas nos espaços entre o hall de entrada/cozinha/escada. Esta escada do setor de serviço leva ao quarto de serviço com banheiro de serviço localizado no 1º pavimento, sem comunicação para o setor íntimo. Pela entrada da residência – na Alameda Jardim São Luis - tem-se o acesso para garagem, no nível da rua, com pé direito de 2.21m, ventilada por grades em seu perímetro.

C- SETOR ÍNTIMO: No segundo pavimento da residência localizam-se o setor íntimo e parte do setor de serviço. O setor íntimo era composto pelo hall da escada, circulação, quatro suítes contemplando quarto com banheiros, um espaço de apoio com bancada com cuba e geladeira para dar mais autonomia aos moradores. A circulação é realizada por meio de um corredor que saía da escada em direção as suítes. As suítes eram compostas de quarto com armário embutido em um nicho de alvenaria e banheiro interno composto de bancada com pia de embutir, vaso sanitário, bidê e chuveiro. A suíte de casal era a maior e seu banheiro era composto de duas cubas individuais. Nesse pavimento ficava também o Atelier do arquiteto que além de projetar, realizava seus trabalhos plásticos de pinturas e mosaicos. O acesso se dava pelo pavimento térreo no jardim posterior que tem acesso pela escada caracol, já mencionada.

Em virtude da análise dos setores da casa do aludido arquiteto como ícone, fez-se necessário expor como o produto da formação, da história de vida e da personalidade do projetista contribuiu para ampliar a compreensão da arquitetura enquanto projeto e setorização, onde as matrizes modernas repercutem de modo a evidenciar:

Indica a planta livre como a grande conquista desta nova arquitetura que passa a ser conhecida como arquitetura moderna. As casas agora, já não são cubículos justapostos e isso se deve à “nova técnica construtiva do aço e do concreto, que permite concentrar os elementos de resistência estática num finíssimo esqueleto estrutural” (ZEVI, 1996, p. 121).

Há também uma maior mobilidade nas partes internas, onde as divisões são cada vez mais finas e podem curvar-se e mover-se livremente, possibilitando a conjugação de ambientes: “...a sala de visitas funde-se com a sala de jantar e o escritório, o vestibulo reduz-se, em benefício da grande sala de estar, o quarto de dormir torna-se menor, visando conceder maior amplitude a esse grande ambiente articulado onde a família vive, o living room (ZEVI, 1996, p. 123).

4 A ESCADA-MONUMENTO X ESCADA DOCUMENTO

O valor estético da obra, traz à baila a repercussão dos fundamentos técnicos colocados sobre o espaço e forma arquitetônica. O uso dos valores fundamentais da Arte/Ciência chamada Arquitetura, são conseqüentemente, determinantes na formulação espacial e estética do projeto, pois a sua total observância nos conduz inexoravelmente aos valores básicos de proporções, equilíbrio, contraste, harmonia, simplicidade, pureza e o indispensável uso do conceito de ergonomia, indutores necessários e obrigatórios à criação da funcionalidade e estética arquitetônica. Alcançado esse objetivo, torna-se desnecessário o uso de elementos decorativos, pois o belo está obviamente contido na funcionalidade e pureza da forma concebida. As necessidades de uso, conforto, segurança e privacidade, surgem espontaneamente, em benefício da família. Essa é, na realidade, a essência da filosofia modernista.

Externamente a estrutura do prédio, em concreto armado, é arrojada, racional e lógica, com perfis delgados e balanços generosos. Merece destaque a volumetria da fachada, cujo elemento dominante – um pórtico bi apoiado, com doze metros de vão livre – cria a ilusão de estar sustentando o volume das suítes, que, por sua vez, sugere estar tensionado ao mesmo. Alcyr Meira julga oportuno ressaltar que as paredes laterais que complementam essa arcada, descem regularmente em direção ao solo, sendo ambas apoiadas em um único ponto de sua face externa, voltada à Av. Nazaré, criando-se assim uma ilusão de ótica: o prédio parece estar apoiado exclusivamente nesses dois pontos, o que lhe confere uma leveza extraordinária.

Internamente o destaque se direciona para o hall da Escada, onde a circulação vertical desse projeto modernista está inserida na sala de visitas se distribuindo aos pavimentos inferior – garagem e ao pavimento superior – setor íntimo da casa. Esse conjunto da escada interna, concebida como elemento marcante da área social, assume o papel de catalizador estético da concepção daquele ambiente. Sua volumetria foi tratada como uma verdadeira escultura, pousada sobre uma plataforma pavimentada em mármore branco, elevada sessenta centímetros do piso do amplo salão, dando a sensação de estar flutuando, concedendo-lhe uma leveza diáfana.

Figura 4: Hall da escada interna



Fonte: Acervo Alcyr Meira

I A escada ultrapassa sua função de componente construtivo voltado à circulação vertical do prédio, para tornar-se um vetor artístico, o clímax daquele ambiente. É efetivamente uma obra de arte integrada ao espaço construído. Destaco ainda o lambri posterior à escada, que serve de envoltório à mesma, anteparo de fundo do conjunto que valoriza sua integração à estética ambiental. De idêntico modo realço a parede em pedra, componente da fachada, painel de fechamento frontal desse espaço interior, valorizado por um único quadro em sua face interna - uma das mais belas pinturas do mestre Leônidas Monte, notável pintor paraense.

Figura 5: Parede revestida de lambril e quadro de Leônidas Monte /Acesso ao 2º pavimento



Fonte: Acervo Alcyr Meira

A circulação vertical localizada na sala de estar que dá acesso à garagem e ao pavimento superior, é efetuada pela escada, verdadeira escultura da residência, ponto de ligação entre os níveis da edificação. Desde sua concepção sempre existiu a preocupação com a segurança da família no sentido do acesso para a escada mantida por portas sempre fechadas internamente. A garagem tem uma área para guarda de quatro carros e acesso interno pela escada que leva ao pavimento térreo. Percebe-se a preocupação com a segurança no sentido do acesso para escada ser antecedido por uma porta mantida sempre fechada. O 2º pavimento se mantém seguro por uma porta que isola esse pavimento do pavimento térreo.

Figura 6: Acesso ao 2º pavimento e porta de segurança



Fonte: Acervo Alcyr Meira

Figura 7: Acesso à garagem



Fonte: Acervo Alcyr Meira

A escada flutuante de Alcyr Meira é composta estruturalmente de concreto revestida de mármore branco com reentrâncias que geometricamente permitem que cada degrau pareça estar solto um do outro, bem como os patamares. A escada é dividida em três níveis, composta de cinco lanços de degraus e guarda corpo esbelto com uma chapa de madeira e estrutura em ferro apoiado nos degraus de partida e chegada aos pavimentos.

Figura 8: Detalhe dos degraus soltos flutuantes



Fonte: Acervo Alcyr Meira

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde seus oito anos de idade já dominava com relativa facilidade a pintura a óleo, convivendo com telas, pincéis e tintas com razoável desenvoltura. No momento de meu estudo científico, meu pai possibilitou uma maior consistência aos meus estudos, os quais deveriam ser respaldados por bibliografia internacional. Ao correr dos anos fui consolidando uma biblioteca razoável, onde predominavam publicações voltadas a arquitetura e belas artes, a maioria editadas nos Estados Unidos e na Europa. A revista *“L’Architecture d’Aujourd’hui”* – publicada na França – era considerada a melhor revista de arquitetura do mundo, indiscutivelmente a minha preferida.

Diante do texto acima, percebe-se sua aptidão voltada com muita vocação para Arquitetura. Seus princípios embasados em Le Corbusier, projeta para uma Belém dos anos 60, com conceitos inovadores, proporcionando aos seus usuários, uma modernidade contemporânea, refugando os estilos correntes naquela época, como o eclético, o *art nouveau*, o neocolonial e muitos outros “neo”, retrógrados e incompatíveis com a realidade de então. A solução formal e espacial seriam fruto das considerações retro apresentadas, livres de enfeites e adereços, buscando simplesmente a sua pureza.

Baseado em seu vasto repertório, possui uma memória coletiva e histórica que se apresentam sob duas formas: os monumentos, herança do passado, e os documentos, coincide com texto na escolha do historiador/pesquisador.

Como resultado da produção da história de uma determinada época e sociedade temos o documento, que se monta de forma consciente ou inconsciente. Além disso, o documento resiste a épocas anteriores a sua produção. Ele permanece, é monumento. É resultante da intenção das sociedades anteriores de se imporem às futuras. A partir disso se exige um olhar cada vez mais crítico sobre o documento e monumento pois como alerta Le Goff, este é um disfarce enganador e é preciso remover essa máscara com base em reflexões críticas e análise dos fatores que circundam a produção do documento monumento.

Entender a citação da escada flutuante de Alcyr Meira, nos leva ao início do texto quando Aldo Urbinati “reprojeta”, faz a citação da escada do Itamaraty. A capacidade de projetar a escala da escada flutuante de Alcyr Meira, nos traz o modernismo pensado como sinônimo de funcionalismo. A importância indubitável do elevador e escada rolante no final do século XIX e o século XX tendeu a ofuscar o significado arquitetônico da escadaria. No entanto, a escada continua a ser um elemento importante e ser representativo do cultural, arquitetônico e de finalidades funcionais que deve servir. Todavia, o *Zeitgeist* não nos abandonou. A escada dentro da visão dos principais movimentos arquitetônicos deste século continua a evidenciar características que são novas e distintas.

REFERENCIAS

HARROUK, Christele. **Palácio do Itamaraty de Oscar Niemeyer, pelas lentes de Paul Clemence**. Archdaily, 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/953656/palacio-do-itamaraty-de-oscar-niemeyer-pelas-lentes-de-paul-clemence>. Acesso em: 14 dez. 2022.

MALTA, Marize. **O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2011.

MEIRA, Boris de Souza. **A evolução da morada em Belém**. In: III Seminário de Arquitetura na Amazônia – III SAMA. Belém: Auditório do ICJ Cidade Universitária Professor José Rodrigues da Silveira Netto, 2018. 20 mar. 2018.

MEIRA, Boris de Souza. **Recordações**. [Entrevista concedida a] Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes. Belém, p. 1-9, 10 mar. 2021.

URBINATI, Aldo. **Entre Vistas ou como fizemos caber a escada do Itamaraty dentro da casa de moda mais bonita do mundo inteiro.** São Paulo: [s. n.], 2018.

ZEVI, B. **Saber ver a Arquitetura.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996

Artigo recebido em: 20 nov. 2022. | Artigo aprovado em: 10 dez. 2022.